

Dos loucos desejos

FRANCISCO JOSÉ ALVES DOS SANTOS *
JUSTINO A. LIMA **

O espectador mais consciente sai do cinema instigado após ver **O Silêncio dos Inocentes**, de Jonatham Demme (EUA, 1990). Ao contrário dos outros que viram na "violência explícita" o ponto nodal do filme, a este espectador pareceu ser o desejo algo central na economia geral da narrativa. Aparece na pulsão, a grande protagonista, o combustível de toda maquinária. Aliás, o que move os homens são os mais desencontrados e incontornáveis desejos?

O desejo (em sua feição pluri-forme) atravessa e orienta toda obra, pondo em movimento seus personagens. A tríade central (a agente do FBI, o psiquiatra e o assassino de mulheres) põe em cena os mais diferenciados caminhos do desejo "normal" ou "patológico: salvar pessoas (e salvar-se), ter um vestido tecido de pele de mulheres, devorar humanos. Há ainda desejos menos dramáticos como a ambição de saber do chefe da agente ou a vaidade sem escrúpulos do diretor do presídio. Em todos queima a fogueira dos desejos.

O que mais choca àqueles que viram o filme? A cena em que o Dr. Lecter (o psiquiatra canibal) devora parte do rosto de um policial? Há outra hipótese. O desconcertante é ver que o monstruoso escapelador de mulheres é capaz de comover-se diante do sofrimento de sua cadelinha Preciosa, é apreciar a sofreguidão estética do Dr. Lecter ouvindo um trecho de suave música erudita. O espectador é visceralmente atingido por estas cenas. Fossem os dois criminosos monstruosos, apenas aquele nada teria a ver com estes. O gesto de demonstração de amor ao animar e o gosto enlevado pela música vem desfazer as fronteiras entre nós e eles. Palpita humanidade naqueles em que víamos somente a animalidade mais bruta. O mesmo desconcerto toma o espectador ao ver as manifestações de afeto e de cuidado do psiquiatra pela agente.

Ao lado da bela e explosiva carga psicanalítica vem a não menos bela e explosiva carga fílmica, com uma estética que alça o cinema à arte das artes, recheada de cenas e seqüências que arrebatam o espectador ao êxtase. Assim é na cena em que o policial, após ter a pele do seu tórax convexamente descolada, é pendurado na parte superior e externa da "gaiola". Um verdadeiro hino à liberdade, beirando o lirismo trágico do belo "Asas da Liberdade". O canibal bateu asas em busca da quebra da sua dieta antropofágica.

A seqüência do descobrir invo-

luntário/voluntário do esconderijo de Bufalo Bill é uma das cenas mais dicotômicas já feitas no cinema; é a ambigüidade e a linearidade andando juntas. É o pulsar constante que a torna a protagonista maior. É o passar mágico do racional para o fantástico. Ou na quimera da vida, é confundir o fantástico com o racional. É a esperança se refugiando no acerto. É a frustração desesperando-se com o erro. É a cena contracenando com ela mesma.

Há uma seqüência que choca e provoca os que apenas viram o filme na ótica da "violência explícita". A contra-cena da rejeição da refeição posta num prato, em favor de um jantar ambulante. O detalhe do enquadramento do prato servido, para logo após o detalhe do enquadramento do rosto que será comido.

A seqüência da última caçada de Bufalo Bill, a tecnologia do infra-vermelho, configurada no verde, traduz a esperança do espectador de que na hora trágica, a magia funcione e a caça viva. Aí encontra-se o ponto nodal do filme: a desejada morte do cruel costureiro. Mais uma vez, e incomum no cinema, a competência da cena contracenando com ela mesma. Uma competência cinematográfica inigualável que eleva **O Silêncio dos Inocentes** ao melhor filme do ano.

Para fechar a instigação do indivíduo, Demme nos entrega uma fulgurante indecisão e faz o espectador pensar numa seqüência silenciosa, quando o policial Starling se encontra num dilema radical: perseguir a tentação, o poder de persuasão, nos seus devaneios psicóticos, ou deixar-se tomar pelo medo da tentação, do poder de persuasão e dos devaneios psicóticos de Hannibal Lecter.

Mas como o crime não é perfeito, há uma falha no roteiro: a seqüência da fuga. De onde saiu o pequeno metal que abriu as algemas? Da caneta roubada cinematograficamente? Mas, cinema é isto mesmo. A fertilidade imaginativa. O deixar-se levar pela fantasia inatingível e tecer-se na teia da suprema imaginação.

Se, como quer Félix Guattari, o cinema é a psicanálise da massa, o diretor Jonatham Demme pode dar-se por satisfeito: conseguiu colocar o nosso imaginário num processo profundo de catarse sublimatória. Acesa a luz, após a sessão, vem a sensação de leveza: libertam-se os "bichos" guardados a sete chaves, nos escaninhos da alma.

* Professor do Deptº de História da UFS

** Bibliotecário da Biblioteca Central da UFS